

## ABRINDO O VERBO: UMA ENTREVISTA COM LEILA MÍCCOLIS

### SPEAKING IT OUT: NA INTERVIEW WITH LEILA MÍCCOLIS

Sergio Bento<sup>1</sup>

Maya Pires<sup>2</sup>

**RESUMO:** Entrevista com Leila Míccolis, abordando temas como poesia marginal, literatura e ditadura, feminismo, sexualidade e o papel da internet como difusora de obras literárias.

**Palavras-chave:** Leila Míccolis; poesia marginal; poesia bissexual; feminismo

**ABSTRACT:** Interview with Leila Míccolis, on topics such as marginal poetry, dictatorship and literature, feminism, sexuality and the Internet's role as a literary broadcaster.

**Keywords:** Leila Míccolis; marginal poetry; bisexual poetry; feminism

Leila Míccolis é um daqueles nomes familiares a qualquer pessoa envolvida no mundo da literatura brasileira recente, já que sua atuação como poeta, editora e roteirista é profícua e ininterrupta há mais de 50 anos. Entretanto, a obra da carioca permanece em um escalão menos visível na repercussão crítica da produção poética do período. Nascida em 1947, atinge maior evidência ao ser incluída na célebre antologia *26 poetas hoje*, de 1975, organizada por Heloísa Buarque de Hollanda. Diferentemente, porém, de colegas presentes no mesmo livro, como Chacal e Francisco Alvim, seus poemas não alcançaram um status canônico na representatividade da “geração mimeógrafo”, tornando-se, por assim dizer, “à margem dos marginais”.

Nesse sentido, a comparação com Ana Cristina Cesar é inevitável, já que a autora de *A tensões* tem recebido, nas últimas décadas, uma tal reverberação acadêmica de sua obra que talvez já tenha sido alçada à condição de poeta mais paradigmática da década de 70. Se tanto em Ana C como em Leila a sexualidade, o corpo e as minúcias do cotidiano são o substrato de uma diátribe contra o *status quo* autoritário em plena ditadura militar, o fato é que a diferença de tom entre ambas parece tolher Míccolis da mesma recepção. Dona de uma verve agressiva que desconhece eufemismos e censuras, seus textos chocaram ao tratar de forma tão direta e crua temas como

---

<sup>1</sup> Sergio Bento é professor adjunto de Literatura na Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, foi orientando de Viviana Bosi, no Brasil, e de Nuno Júdice em estágio sanduíche na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. Tem capítulos de livro e artigos sobre poesia moderna e contemporânea, tradução poética e as relações entre literatura e tecnologias digitais. Coordena o GEPOC/CNPQ (Grupo de Estudos em Poesia Contemporânea) e o projeto de extensão “Poesia para todos”, em que organiza jornadas poéticas, oficinas criativas e slams na cidade de Uberlândia. Email: sergiobento@ufu.br

<sup>2</sup> Maya Pires é graduanda de Letras na Universidade Federal de Uberlândia. Autora da pesquisa de Iniciação Científica “A sexualidade em Leila Míccolis”, é poeta, tendo sido publicada em coletâneas de poesia e em revistas literárias diversas. Email: maya.sp99@gmail.com

sexualidade, emancipação feminina, novas configurações de família, antes mesmo da constituição de grupos identitários mais organizados e combativos no Brasil.

Embora tal contundência ao criticar os padrões comportamentais de um dos países mais conservadores do mundo ocidental seja uma faceta importante, está longe de definir *tout court* sua obra. Dona de alguns dos poemas mais curtos da língua portuguesa, a artífice da concisão exhibe domínio do poema longo, por exemplo, na afiada paródia de “Vozes D’África”, de Castro Alves, em “Vozes D’Ásia”, presente em *O bom filho a casa torra*, de 1992, ou ainda em um de seus melhores livros, pouco conhecido, *Olívia, a que não era palito ou Alucinações com a desova da Pupunha*, de 1994, construindo, a partir da personagem do desenho animado, uma cômica reflexão acerca dos padrões de beleza.

Sua interação com o mundo *pop* é outro aspecto subvalorizado, visto não apenas nas menções ao longo de seus escritos poéticos, mas também na atividade de roteirista de novelas, em longa parceria com Glória Perez. Como editora, fez história com o site “Blocos Online”, um dos primeiros sites a publicar literatura e crítica literária, compondo um valioso acervo, hoje sob risco de se perder nas tramas da obsolescência programada das tecnologias digitais.

São esses, então, alguns dos temas que perpassam essa entrevista com a autora. Ao final, encontra-se anexa uma crônica enviada pela própria Leila, ilustrando um caso de machismo vivido por ela ainda na década de 70, amostra do custo cobrado pela ousadia de enfrentar padrões prevalentes na cena social. Feito por e-mail (recebido em 16 de setembro de 2018), o questionário foi respondido de forma informal, características mantidas nessa publicação. Mínimas alterações e inclusões em colchetes foram feitas para facilitar a fluidez da leitura, além de poucas notas de rodapé ilustrativas. Espera-se que, ao dar ainda mais voz a quem sempre se expôs em busca de suas causas, consiga-se contribuir para uma retomada crítica dessa valiosa obra literária escrita por Leila Mícolis.

**Entrevistadores (E)** – A senhora diz que em “poetisa todo mundo pisa”, o que vai na linha do que Ana Cristina Cesar falava sobre a “delicadeza” como marca do feminino em autoras como Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa. Afinal, há uma “poesia feminina”? E como vê o retorno do termo “poetisa” hoje, como marca de afirmação da mulher escritora?

**Leila Mícolis (LM)** – Meu caminho não é exatamente o mesmo da Ana; ambos até podem aproximar-se no final, mas o viés é outro. Veja: Ana Cristina, em seu livro de ensaios e anotações (“Escritos no Rio”), referiu-se principalmente a Cecília Meireles pelo que ela chamou de “concepção fluídica de poesia”. O meu verso “em poetisa todo mundo pisa” segue outra trilha: não se reporta a esta delicadeza, até porque em minha primeira fase eu abertamente rompi com a

linguagem delicada e suave esperada, até então, por parte das mulheres – uma fala comedida e contida. Eu abri o verbo, literalmente... (risos). Só que este meu verso nem sempre foi bem compreendido, a maioria das mulheres o comenta como se eu estivesse defendendo/justificando o uso do substantivo masculino “poeta” para as mulheres. Ao contrário: o vocábulo poeta não pertence ao grupo dos substantivos uniformes e nem epicenos; no nosso idioma, ele é um substantivo biforme, que tem uma forma para o masculino e outra para o gênero feminino. Porém o feminino, neste caso, tornou-se pejorativo, ridículo, transformou-se em condição de rebaixamento. Por isso, achei que deveria tornar mais clara minha posição, e em outro poema eu explico, que se aceitamos este tipo de situação, continuamos sendo pisadas.

[Sobre uma “poesia feminina”,] para mim não há não; porém, existem circunstâncias que levam a especificidades concernentes tanto para mulheres (menstruação, aborto, parto), quanto para os homens (impotência, tamanho do pênis, machismo, “corno”, etc.). Quanto à volta do termo poetisa, ainda é a minoria que o usa sem pestanejar ou sem receio de carregar a pecha de “má poeta”... Em termos de poesia brasileira, principalmente no que tange à produção feminina, ainda estamos mais para o século XVIII do que para o XXI. Infelizmente.

**E** – A senhora se considera feminista? O que o termo lhe suscita no contexto atual?

**LM** – Não, mas me consideram como tal, porque sempre fiquei muito desconfortável com o confinamento ou o cerceamento das mulheres versus a liberdade e o “flanar” e de viver dos homens; as normas de conduta somente aplicadas às mulheres e, principalmente, o ensino metódico, transmitido de geração a geração, do calar-se diante das injustiças e arbitrariedades do sistema patriarcal. O feminismo me suscita no contexto atual o que sempre me suscitou: o questionamento da desigualdade de gêneros sociais, com a “domesticação” da mulher, incluindo neste universo de regras – permitidas ou proibidas – padrões repressores transmitidos aos filhos como sua herança cultural fundamentada em seu microcosmo. E não me digam que agora o mundo é totalmente outro. Em termos afetivos e emocionais, Belchior é sábio: “nós ainda somos e vivemos como nossos pais”...

**E** – A senhora considera o lugar da poeta mulher, hoje, mais privilegiado do que anos 60/70, quando começa a escrever?

**LM** – Não, vejo apenas transformações muito evidentes, com seus respectivos lados positivo e negativo dentro de um contexto histórico diferente, bem como diferentes são as condições sócio-

político-econômicas; hoje temos a volta do *carpe diem*, e a fase da “Modernidade Líquida”, com o imediatismo, o consumismo exacerbado, a robotização, a pressa e o processo de aceleração da vida contemporânea... todos esses fatores, entre muitos outros, refletem-se no território literário e na própria leitura de poesia – Sanchez-Mésa inclusive analisa o fenômeno da poesia atual pela Internet como sendo mais importante a própria criação do que o produto final resultante dela, ou seja: maravilha que todos escrevam poesia, pois fazê-lo é exercitar (de forma prazerosa) diversas áreas do conhecimento; no entanto, por outro lado, a banalização dos temas e a repetição/divulgação de comportamentos-chavões não ajudam a poesia a desestigmatizar-se.

**E** – A senhora lê poetas mulheres da nova geração?

**LM** – Sempre, Blocos Online é a prova disso. Inclusive me dedico a analisar a contemporaneidade e já escrevi vários artigos enfocando o assunto: “Do boom ao pool”, “a Produção feminina do século XXI”, “Da produção feminina da Geração 70 aos sites e blogs de hoje”, entre outros (levei este último temário a um dos Simpósios da UFRJ, o que originou grande interesse e um proveitoso debate). O dia em que eu parar de atualizar-me com a poesia, creio que o mundo acaba para mim.

**E** – Ao longo dos anos, como enxerga o recebimento do público e da crítica quanto a sua obra poética?

**LM** – Fui a primeira a editar um tipo de poesia bem diferente do que se fazia até aquela época, com raras e preciosas exceções, avulsas e esporádicas (meu primeiro livro neste estilo foi publicado em 1976. “Impróprio para Menores de 18 Amores”, e o da Ana, “Cenas de Abril, é de 1979” – fomos as pioneiras) e ouvi muito que “isso não é poesia, mulher não escreve assim”... e outras barbaridades como tais. A poesia até então era formal, as mulheres eram musas, deusas idolatradas (da boca pra fora...). Então, meu começo foi bem difícil, voaram pedras por todos os lados, até porque minha proposta estética da primeira fase era bastante agressiva, então minha literatura nunca foi de fazer amigos fáceis. Porém os anos de chumbo eram truculentos e influenciaram a minha produção literária, incitando nela uma selvageria ostensiva movida pela impotência; eu era advogada na época e me sentia enraivecida com a violação ininterrupta dos direitos humanos, com a impunidade, a tortura, os “desaparecidos”, a censura prévia, as leis de exceção, etc. Meu último livro desta fase foi “Silêncio Relativo” (1977), feito em uma gráfica que omitiu seu nome, com medo da violenta represália policial.

Quando na década seguinte (1980) enveredei pela performance, comecei a ser mais irônica e mordaz em vez de feroz, a ter mais humor (risos), a tratar os temas polêmicos de forma aparentemente mais leve, e as pessoas entenderam melhor minha mensagem. Porém, até hoje, sei que minha poesia desagradou e incomodou a muita gente que continua considerando minha obra apenas gratuitamente provocativa, que não entende o contexto em que ela se insere. De qualquer modo, sou bem mais reconhecida agora, já que minha poesia percorre o mundo (tenho publicações no estrangeiro) e, no Brasil, até mesmo pós-graduandos como você se interessam por algum aspecto dela.

**E** – A senhora acredita que temáticas polêmicas como a bissexualidade e a abertura conjugal causaram um silenciamento de seus poemas?

**LM** – Sim, sem dúvida. Os temas eram realmente explosivos na década de 1970 (e continuam sendo, porque falo o tempo todo de repressão, de manipulação, de controle, de massificação, de alienações, de hipocrisia no dia a dia, o que, convenhamos, é uma fonte caudalosa e inesgotável...). Acho, no entanto, que também foi o modo com que eu escrevia que me isolou; eu não me importava se ia agradar ou não a críticos ou a professores de literatura, eu queria era denunciar o massacre diário inculcado nas mulheres e também nos homens: “o marido faz a mulher”, “homem não chora”, “homem não mete prego sem estopa”, “atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher”, etc. – em suma: os nefastos “papéis sociais” rígidos, estereotipados. Nisso, eu e Barthes concordamos plenamente, o estereótipo me parece um vírus a ser combatido e curado, pois corrói o ser humano insidiosamente.

**E** – A senhora e Ana Cristina Cesar são duas das pouquíssimas vozes femininas que desafiaram a heteronormatividade no contexto da ditadura. Entretanto, a sua obra foi sempre mais direta nessa questão.

**LM** – Sim, fomos pioneiramente destemidas. Só que o epicentro da produção poética de Ana Cristina é principalmente o tédio e todo o cortejo que o acompanha; no final, falamos da mesma sociedade destituída de motivação, desmoralizada, insegura, desanimada. Insatisfeita; mas nossos caminhos distanciam-se tanto no estilo (ela bem mais intimista), quanto no tratamento temático (eu bem mais desarvorada e transparente).

**E** – Acredita que, por isso, os poemas de Ana C. sejam mais “palatáveis” a um público mais amplo?

**LM** – Com toda certeza. Eles não ferem diretamente ninguém, não partem para a briga... (risos) ... Acima acabei por não mencionar uma das maiores (e mais visíveis) aproximações literárias entre nós: ambas usamos a temática sexual como um trampolim para mergulhos mais profundos. Falar de qualquer assunto que parecesse ameaçar ou diferir das normas da TFP (Tradição, Família e Propriedade) também era considerado subversão; então a sexualidade para nós não envolvia só o ato sexual, mas também continha um veemente protesto à liberdade de expressão e a toda uma nação castrada.

**E** – Apesar da presença marcante da bissexualidade em diversos poemas, o trabalho crítico feito a respeito de sua poesia não aborda o tema.

**LM** – Não, e eu acho bom inclusive, porque falar de sexo para mim, como disse acima, é um meio de atingir um contexto muito mais amplo; portanto, a bissexualidade, homossexualidade, heterossexualidade ou qualquer outro tema correlato é uma das muitas dimensões de minha poesia, que objetiva, ao final, fomentar uma melhor qualidade de vida, menos preconceituosa, mais respeitosa, criativa e consciente, em todos os sentidos.

**E** – Acredita que há um apagamento sobre a questão na literatura em geral?

**LM** – Nunca pensei no assunto, exatamente porque, repito, minha fala sexual não é um fim em si, mas um meio para envolver debates paralelos. Sempre foi.

**E** – Conhece outros autores que explorem a temática?

**LM** – Conheço sim, vários: Baudelaire, Álvaro de Campos, António Botto e diversos decadentistas brasileiros (outra tendência estética totalmente abduzida da literatura brasileira – meu ensaio de Pós-doutorado na UFRJ foi todo focado nela). O Decadentismo gostava de temas polêmicos e paradoxais: bissexualismo, ópio, satanismo, prostituição, enfim, tudo o que contrariasse o senso comum – gostavam, como os formalistas russos, do efeito de estranhamento na poesia. O protótipo do lugar comum indesejável para eles era a acomodada, comportada e submissa “rainha do lar”. Então, há vários escritores brasileiros que, direta ou indiretamente, trataram deste tema. Quando descobri o Decadentismo já no meu Mestrado (2004-2007) fiquei impressionadíssima e resolvi voltar a ele no meu ensaio (ainda inédito) de Pós-doutorado (2012-2014).

**E** – A senhora nota mudança na visibilidade bissexual ao longo do tempo?

**LM** – Acho que agora ficou menos visível; diluído entre diversas outras categorias, é apenas mais uma. Porém, embora meu campo da Ciência da Literatura seja a Teoria Literária, muitas vezes até dentro dela reservo-me o direito de discordar de determinadas compartimentalizações. E quando elas se estendem a pessoas então, gosto menos ainda, em vez de esclarecer, confundimos. Bi, héteros, homos, trans, lésbicas, travestis, fetichistas, sádicos, masoquistas (com o consentimento dos parceiros), pans, monogâmicos, poligâmicos, assexuados, todos são unicamente gente, independente de seus desejos; e quanto mais propomos/inventamos categorias, mais ampliamos os guetos/as “tribos”, mais nos separamos uns dos outros e de nós mesmos.

**E** – Houve uma intenção política direta quando crava o termo no poema “Bissexualismo”<sup>3</sup> do livro *Maus antecedentes*?

**LM** – Sim, minha poesia é toda política, embora o que chame mais a atenção seja a sexualidade (porém esta estratégia era proposital, não se podia falar diretamente sobre o regime naqueles tempos, então, intuitivamente, segui pelo que agora eu sei ser a crítica à microfísica do poder). Na época eu me interessava muito sobre política do corpo, já que ele era a maior vítima do regime militar (torturas, espancamentos, mortes). Então, minha forma de escrever sobre política na poesia foi (e ainda é minha marca registrada) questionar padrões de comportamento, sejam sexuais ou de qualquer outro tipo.

**E** – O termo “bissexual” a contempla de alguma forma? Se sim, como se deu o reconhecimento dessa questão identitária em uma época ainda mais opressiva que hoje?

**LM** – Creio que me adiantei à sua pergunta e respondi acima. Porém vou complementar: “bissexual” para mim era uma parte do meu alvo predileto: fazer com que as pessoas refletissem no seu cotidiano de cama-e-mesa, nos usos e costumes herdados ou incutidos por seus familiares, amigos ou pela cultura da domesticação. Inclusive é uma parte pequena diante minha produção, vastíssima. E esse “pouco” já foi um tumulto, um escândalo na época.

**E** – Mulheres são suscetíveis a violências principalmente no Brasil, que, hoje, é o quinto país em

---

<sup>3</sup> “Teus pentelhos raspados/ arranham/ como barba malfeita.”

feminicídios no mundo. Em sua caminhada literária, sofreu alguma agressão, diminuição ou discurso de ódio por ser escritora mulher ou por falar abertamente sobre a bissexualidade?

**LM** – Não violência física; mas violências simbólicas ou diretas, muitas. Contarei apenas uma: lembro-me de ter organizado uma antologia, em 1978, com dez mulheres que desmistificavam a imagem do mundo cor-de-rosa feminino – várias eram, inclusive, artistas famosas. E uma vez, em um evento literário no Rio, eu cercada por conhecidos, um deles me perguntou acintosamente, em voz mais alta do que o normal para os mais próximos também ouvissem: “Neste livro, *Mulheres da Vida*, só há putas?” Todos riram, disfarçada ou abertamente. Respondi, de imediato, no mesmo tom: - “Não, não, há lésbicas também...”. Pararam de rir, o constrangimento foi geral. (Sobre este lançamento em Fortaleza fiz uma crônica, que envio no final da entrevista para você ver a barra que foi).<sup>4</sup>

**E** – O que se chamou de “poesia marginal” nos anos 70 se difere substancialmente da dita “literatura marginal/periférica” de hoje, marcadamente política e vinda de espaços menos privilegiados. A senhora reconhece pontos de contato nessa “marginalidade” dos dois momentos?

**LM** – Difere. O termo marginal dos anos 70 se referia ao fenômeno da publicação “à margem” da editoração oficial. Na época, todos éramos praticamente inéditos, e nenhuma editora nem olharia para nós. O jeito foi arregaçar mangas e sermos, além de autores, produtores, divulgadores e comerciantes de nossas obras. A marginalidade dizia respeito não à territorialidade ou à geografia distante da urbe, mas ao tipo de processo em que o autor encampava, integralmente, todas as etapas da sua publicação; marginais éramos todos, onde quer que residíssemos (eu, inclusive, era no início uma das poucas que moravam na Zona Norte); porém, como marginal é termo com diversas conotações (a maioria depreciativa: malandro, delinquente, bandido, depravado), o conceito foi estendido aos próprios autores ou ao conteúdo de sua poesia; entretanto, teor textual marginal não era uma característica obrigatória, muitos poetas daquele momento tinham uma proposta comum, banal, corriqueira, sem qualquer intento insurrecto.

E sim, alguns [pontos de contato entre ambos], mas creio que os poetas marginais da atualidade não usam mais o mimeógrafo... afinal, agora, temos as editoras *on demand* que fazem sob demanda 1, 2, 3 exemplares (mais parecidos com os que rodávamos em mimeógrafos, mas feitos, hoje, em máquinas ultramodernas... (risos). Acho que diferem também quanto aos temas, às

---

<sup>4</sup> A obra citada por Leila, *Mulheres da vida*, foi publicada em 1978 pela editora Vertente. Entre as mulheres “famosas”, destaque para Gloria Perez (posteriormente consagrada como roteirista de novelas da Rede Globo de Televisão), Isabel Câmara e Norma Bengell

perspectivas e até às intenções - não há mais aquele enfrentamento, aquele confronto com o poder dos anos 70. Os tempos de agora são mais de negociação com o poder do que de choque e, principalmente mais de dar voz a grupos estigmatizados, Nada contra, muito pelo contrário. Pena é que não se valoriza a valiosa participação da poesia da Geração 70 nesta reviravolta comportamental.

**E** – E alguma vez aderiu ao termo “marginal” para qualificar sua obra?

**LM** – Sim, mas apenas no sentido mencionado na pergunta anterior [à margem do sistema editorial]. *Impróprio para Menores de 18 Amores* era, inclusive, um livro mimeografado, em um período em que o mimeógrafo era considerado instrumento de alta periculosidade, podendo o dono dele ser até indiciado na Lei de Segurança Nacional.

**E** – A senhora traz referências a Brecht e Chico Buarque, por exemplo, no poema “Feitos um para o outro”<sup>5</sup>, do livro *Maus antecedentes*, convocando um contexto político desses autores. A senhora se considera de esquerda? Politicamente, identifica-se com um viés marxista, transpondo isso a sua obra?

**LM** – Não foi minha intenção “convocar o contexto político desses autores”. Minhas epígrafes são meras homenagens a letristas, teatrólogos, literatas, músicos, cuja obra tem pontos de contato com a minha. Sou fã de carteirinha dos dois: Brecht instiga as pessoas à reflexão social através da análise de costumes e do distanciamento crítico; e cito muito Chico, porque ele é brasileiro, fala do nacional. Porém ele não é o único compositor a ser citado em minha obra, até porque, nos anos do Golpe Militar, eu ouvia muita música, já que a cassação a livros era a norma geral; daí, não é mera coincidência eu ter publicado um livro chamado MPB – Muita Poesia Brasileira, em que dialogo com as letras de música mais marcantes para mim naquela época.

[Quanto à minha posição política,] Não sei mais o que seja esquerda ou direita neste país... [e sobre Marx,] Não, finquei meus pés na nossa realidade, que já era suficientemente difícil; mas li duas obras dele e citei-o em “Vã Filosofia...”<sup>6</sup>, um dos poemas de que mais gosto, também porque um

---

<sup>5</sup> “Você quebra a mobília/ eu desconto na filha./ E entre talhos e cortes/ praticamos o esporte/ de apostar, a vintém,/ Quem dos dois mata quem...”

<sup>6</sup> Do livro *Mercado de escravas* (1984), escrito com Glória Perez: “Falas muito de Marx,/ de divisão de tarefas,/ de trabalho de base,/ mas quando te levantas,/ nem a cama fazes...”



**LM** – Antigamente a poesia da Geração 70 começou a levantar os paradoxos do mundo contemporâneo. Agora é a Internet que faz isso, visibiliza e viabiliza os contrastes e muitas vezes o *nonsense* de determinadas posturas.

A maioria escreve mais pelo *status* (que, aliás, no Brasil, é praticamente ilusório) do que por consciência sócio-política; porém, como afirmei anteriormente, melhor a escrita do que a inatividade paralisante; mas há muitos nomes emergentes com excelência, originalidade e enorme potencial à resistência simbólica/sutil, principalmente.

**E** – O site “Blocos Online” é um marco na presença da literatura na internet brasileira. Como foi a experiência de gerenciá-lo, e qual o potencial da web como suporte de publicação e divulgação da poesia?

**LM** – Aprendi muito com ele, li muito, abri espaço para autores inéditos junto com poetas já reconhecidos pelos cânones, ou seja, continuei na Web a compartilhar minha experiência alternativa que eu tive por tanto tempo, mão a mão (mano a mano, como escreveu Kátia Bento), boca a boca. No ciberespaço são 22 anos de trabalho diário. Porém a maior riqueza dele é também seu maior problema: por ser tão antigo, sua programação está defasada e incompatível com a plataforma atual do Terra. Por isso, se nada mudar (e não estamos conseguindo técnicos que façam esta transformação a um custo razoável), no máximo em maio do próximo ano (2019) este “museu” virtual que conta tanto da nossa historiografia, entrará em colapso e sairá do ar, segundo o provedor.

**E** – Além da manutenção do site, a senhora está envolvida em algum projeto atualmente?

**LM** – Vários outros. Para mim, escrever não é um hobby. É minha força, minha alegria, minha vitalidade, é o ar que respiro.

## RECUERDOS DO CEARÁ

LEILA MÍCCOLIS

Em 1977, deixei a advocacia para me dedicar a outra “causa” – a literária –, cheia de Ágape, chama do entusiasmo que até hoje não perdi, porque amo o que faço. Logo no ano seguinte, em 1978, Wladyr Nader, da então heroica Revista Escrita (SP), encomendou-me pela sua Editora

Vertente, uma antologia com poetisas "não-alinhadas", ou seja, escritoras que não estivessem satisfeitas com a situação do mundo nem com a própria condição feminina. Reuni dez "Mulheres da Vida", título polêmico, próprio para mulheres que estavam na vida, questionando diversos aspectos individuais e sociais. O título, severamente criticado por direitistas severos, por esquerdistas tradicionalistas e até por centristas pseudomoralistas, foi muito bem compreendido pelo público, que o interpretou corretamente, sem conotações depreciativas, como, aliás, eu previra mesmo que assim fosse.

Lancei a antologia no Rio de Janeiro e em várias capitais nordestinas, inclusive Recife e Natal. Quando cheguei em Fortaleza, nenhuma livraria queria aceitar o livro. Estávamos ainda sob o tacho da repressão e os livreiros receavam que a polícia aparecesse e fizesse das suas costumeiras gentilezas: invadissem a loja selvagemmente, batessem nas pessoas, rasgasse obras, revirasse todas as prateleiras, instalasse o pânico. Ninguém queria correr este risco, de questionar e/ou desagradar a TFP (Tradição, Família e Propriedade). Para piorar, um jornalista que ouviu cantar o galo, mas não sabia onde (no caso, não lera o livro mas queria parecer bem informado), resolveu escrever que "Mulheres da Vida" era um relato autobiográfico de dez prostitutas. Eitcha! Aí danou-se tudo, fecharam-se de vez as portas de livrarias, pois todas eram muito decentes, de boa reputação e de fino trato.

Liguei para minha amiga Socorro Trindad, em Natal, uma das integrantes do livro (as outras eram: Norma Bengell, Isabel Câmara, Maria Amélia Mello, eu, Eunice Arruda, Aninha Franco, Glória Perez, Many Tabachinik e Réca Poletti). relatei minha dificuldade, e depois de pensar um pouco ela me sugeriu: "Bom, se estão falando isto de nós e se as livrarias não aceitam comercializar o livro, então lance-o num prostíbulo"... Gostei da ideia. Dirigi-me a uma casa que achei simpática, nas imediações da Praça São Sebastião, e fui muito bem recebida lá. Maria Loura deu-me todas as facilidades para a realização do meu projeto, e, alguns dias depois, autografei o livro no Cabaré Estrela do Oriente.

O que devia ser um lançamento de livro, transformou-se a ser algo diferente, inusitado, com inimagináveis significados simbólicos – uma espécie de manifesto cultural, um ato de veemente protesto, chamando a atenção da mídia para o evento. Resultado: todos os jornais e televisões cobriram a "ousada manifestação cultural" e nunca tive um lançamento fora do Rio de Janeiro com tanta gente (inclusive foi lá que conheci Paulo Veras, saudoso parceiro depois, no livro "Maus Antecedentes"). A intelectualidade em peso esteve presente, e também inúmeros políticos, que hipocritamente "hipotecaram sua solidariedade à nobre causa" literária... Vendi tanto livro que os exemplares que levei não foram suficientes para todos os leitores; acabei vindo com mais de

cento e cinquenta encomendas pagas, mesmo os compradores sabendo que só receberiam o seu exemplar quase quinze dias depois, quando eu retornasse ao Rio de Janeiro.

O mais bonito de tudo, porém, foi a atitude da dona do bordel. Ela estava muito contente pelas altas personalidades em seu estabelecimento, é claro, mas estava mais comovida ainda pelo livro em si, por escritoras de nome não terem tido medo de serem "confundidas com elas". Eu raramente vi alguém pegar um exemplar com tanta consideração, com tanto respeito. Também raramente vi alguém ter uma interpretação tão simples e tão adequada de meus poemas. Era uma fase em que eu, propositadamente, queria chocar os bem-comportados, sacudir-lhes os ombros, e não media palavrões para agredir os puritanos. Pois ela, sem se importar com as palavras "de baixo calão" (afinal, costumava ouvi-las todas às noites justamente dos bem-comportados e dos puritanos), atravessou-as com a maior naturalidade e se deteve no cerne da mensagem, que elas conheciam na própria pele: a denúncia da desigualdade de gêneros, o farisaísmo, a opressão, a repressão.

Maria Loura estabeleceu as "medidas de exceção" que achou compatíveis com a ocasião solene: a primeira delas foi a ordem expressa para que nenhuma de suas meninas trabalhasse naquela noite, o que desmontou a imagem que tinham me dado, de que elas fossem extremamente interesseiras e mercenárias. Aquelas, se fossem, teriam aproveitado muito a chance de triplicarem os lucros pela grande freguesia interessada nelas, já que o programa era insólito na cabeça dos homens: compre um livro e leve uma menina... Una o útil ao agradável. Porém todas disseram não. Trabalho, naquela noite, só de garçonetes, servindo as mesas com bebidas e tira-gostos... Depois, Maria Loura continuou me surpreendendo quando não aceitou o percentual da venda do livro, combinado anteriormente. Alegou que o consumo de comes e bebes fora mais do que suficiente, lucrara com isso e, principalmente, com a propaganda; por fim, no final da noite, ainda se sentou com suas meninas e varou a madrugada me contando histórias, de alegria, de dor, de decepção, de esperança, e todas me tocaram profundamente, mudando em muito a imagem que eu tinha da "profissão mais antiga do mundo"....

Tenho um carinho especial ao lembrar-me deste lançamento, e o considero como sendo o melhor que já tive em minha vida.

Ao pensar em Maria Loura e nas mulheres do Cabaré Estrela do Oriente muitas vezes me veio à mente a letra de Chico Buarque de Hollanda, "Umas e Outras", na qual uma freira e uma prostituta cruzam a mesma rua: *"Mas toda santa madrugada/ quando uma já sonhou com Deus/ e a outra, triste namorada,/ coitada, já deitou com os seus,/ o acaso faz com que essas duas,/ que a sorte sempre separou,/ se*

*cruzem pela mesma rua/ olhando-se com a mesma dor"...* Não se trata de uma comparação, óbvio, porque nenhuma das escritoras era freira, nem “perdidas”; mas, sem dúvida a conexão e a analogia aproximativa são visíveis: mesmo com vidas tão diversas, porém com tantos sentimentos conflitantes em comum provenientes de uma sociedade patriarcal desigual, manipuladora e autoritária, nos reconhecemos plenamente naquela noite, naquela mesma rua, olhando-nos (poeticamente) com a mesma dor e com a mesma com/paixão pelo mundo.